

Gedy Rodrigues de Moraes

DF-Brasília
042
Reportagem 0021

PIONEIROS

Em 1959, o pioneiro chegou a Brasília sem a intenção de ficar. Cumpriria sua missão e voltaria para o Rio Grande do Sul, sua terra natal. Em 1961, casou-se na nova capital e decidiu permanecer

Construção e consolidação acompanhadas de perto

BIANCA CHIAVICATTI
ESPECIAL PARA O CORREIO

Quando o gaúcho Gedy Rodrigues de Moraes foi escalado para inaugurar a agência da Viação Aérea Riograndense — Varig, no futuro Distrito Federal, Brasília era apenas mais uma cidade na qual o aeroviário teria que trabalhar. “Não tinha noção de sua grandiosidade”, admite.

A sede da empresa ficava em Porto Alegre e o transporte aéreo era de fundamental importância para a consolidação da transferência da capital federal, uma vez que o transporte rodoviário para cá era muito precário. “Não havia ligação por rodovias nem de Belo Horizonte para cá”, revela.

O desembarque no Planalto Central aconteceu em dezembro de 1959. O Plano Piloto ainda era um canteiro de obras e, por isso, a maioria das empresas permanecia instalada na Cidade Livre, que era o principal centro comercial. Acompanhado de técnicos operadores de rádio, mecânicos de avião e outros funcionários, Gedy passou a residir na mesma construção de madeira onde a primeira agência da Varig foi montada aqui.

“A Cidade Livre era interessante porque era feita de barracos de madeira, mas não do tipo que vemos nas invasões e favelas do país”, afirma. “Eram construções com relativo conforto, algumas

Arquivo pessoal



GEDY (D), DURANTE O DESEMBARQUE DO PRESIDENTE COSTA E SILVA EM BRASÍLIA

até com ar refrigerado movido a energia de gerador”, completa.

O trabalho de Gedy dividia-se entre a administração da agência e o atendimento aos passageiros no aeroporto. A companhia tinha dois vôos diários e o aeroporto ficava na região atrás do local onde hoje está o Gilberto Salomão, na Base Aérea. A agência contava com apenas três funcionários, de modo que todo o trabalho tinha que ser dividido entre eles.

O aeroporto não se parecia nada com a construção moderna que existe hoje. Era um grande galpão de madeira, com a infraestrutura mínima necessária. Mesmo assim, o movimento de passageiros era intenso. Além de alguns funcionários da administração federal, desembarcavam aqui empresários e muitos turistas, inclusive estrangeiros. “Havia uma curiosidade mundial sobre o projeto de Oscar Niemeyer”, diz o gaúcho. “Muitos

chegavam de manhã e retornavam à noite”, completa.

O aeroviário conta que a Cidade Livre, além de ser muito movimentada, possuía bons restaurantes — Chez Ville, Caraveli e Churrascaria do Júlio. Mas nos finais de semana, Gedy, que ainda era solteiro, ia para o Rio de Janeiro.

Plano Piloto

Depois da inauguração da capital, a agência da Varig mudou-se

para a 507 Sul, na avenida W3. O pioneiro lembra-se da rua ainda sem asfalto durante algum tempo. Alguns restaurantes da Cidade Livre também mudaram-se para lá, como o Chez Ville e o Caraveli. Na avenida, instalaram-se também várias agências bancárias, outras empresas aéreas e poucas lojas.

Em abril de 1960, Gedy recorda que houve uma transferência em massa de funcionários da administração federal do Rio de Janeiro para cá. Nem todos os imóveis estavam prontos. Apenas os primeiros, construídos pelos institutos de aposentadoria sob ordem de JK, estavam com algumas unidades concluídas.

Para organizar a distribuição dos apartamentos entre esses funcionários e os parlamentares que passariam a ter residência aqui, o governo criou o Grupo de Trabalho de Brasília (GTB), cujo escritório ficava próximo à Varig, na W3 Sul.

As quadras residenciais eram conhecidas pelos nomes dos institutos que as construíam: 108, 308 e 114, do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários (IAPB); 105 e 305, do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriais (IAPI); 107 e 307, do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciais (IAPC) etc. Suas funções foram assumidas pelo Instituto Nacional de Previdência Social.

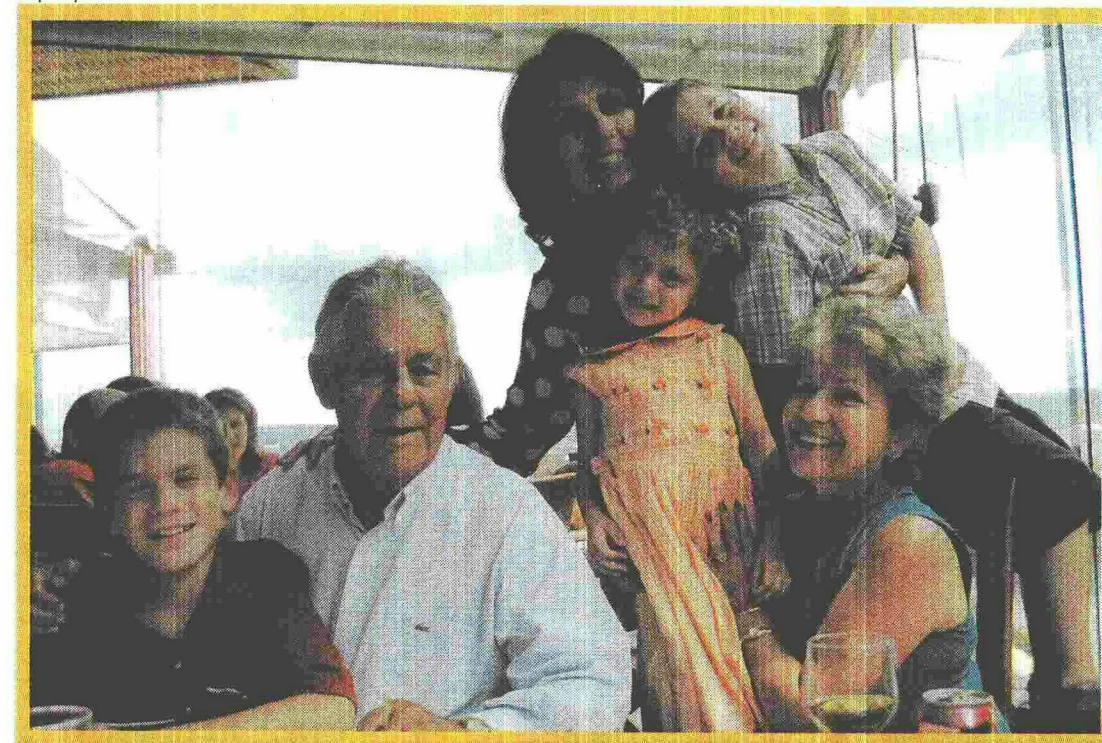
Neste período, Gedy passou a residir no apartamento de um amigo, na 208 Sul. Recorda de dados interessantes do período de fixação da capital aqui, como a construção das quadras 409, 410, 412 e 413 Sul, pelos institutos, e as casas das 700, pela Fundação da Casa Popular, entidade sediada no Rio de Janeiro. “A transferência da capital para cá exigia a acomodação de parlamentares e funcionários públicos de alto escalão, mas também de funcionários menos qualificados e contínuos”, diz. “As quadras 400 e algumas casas das 700 foram feitas para abrigar estes servidores”, completa.

No início, apenas o governo construía no Distrito Federal, porque a iniciativa privada não acreditava na consolidação do projeto de JK. Depois da inauguração, novos investimentos passaram a vir para cá. A quadra 113 Sul, por exemplo, as casas maiores nas quadras 700 da Asa Sul foram construídas neste período.

A Asa Norte, por sua vez, permanecia quase intacta. Poucas quadras construídas, muito mato, o Eixão ainda por asfaltar e a avenida W3 esperando ser ocupada pelo comércio. A ocupação do lado norte do Plano Piloto foi lenta porque a W3 Norte deveria receber os comerciantes da Cidade Livre, que seria destruída.

Mas nem todos quiseram deixar a primeira cidade de Brasília, que terminou sendo mantida e batizada de Núcleo Bandeirante. “Em 1961, Jânio Quadros fez de tudo para acabar com a Cidade Livre, mas não conseguiu”, afirma Gedy. Mesmo assim, a W3 Norte ganhou um pouco de vida com o funcionamento de alguns restaurantes e outros comércios.

Arquivo pessoal



GEDY E A FAMÍLIA AMAM A CIDADE E NÃO PRETENDEM SAIR DAQUI

Caldeirão cultural

Em 1961, o pioneiro conheceu e casou-se com a professora Maria Helena Moraes. Os dois passaram a viver no apartamento que ela, como funcionária pública, recebera, na 412 Sul.

O casal permaneceu nesse endereço por três anos e mudou-se para a 114 Sul, depois de uma troca de imóveis conseguida por Gedy. Aos poucos, o que era para ser temporário terminou virando definitivo e o aeroviário não pensou mais em voltar para Porto Alegre, de onde saíra em 1959, em missão especial da Varig. Por conta da dedicação e a qualidade do trabalho executado, em 1963, foi promovido a gerente geral da Varig.

Dos primeiros anos em Brasília, o pioneiro diz que o mais interessante era viver entre pessoas das mais diferentes origens, num clima de paz, harmonia e solidariedade. “Brasília era uma grande feira de amostras de hábitos, costumes, raças e religiões”, diz. “Um lugar onde conviviam cariocas, baianos, paulistas, mineiros, goianos, enfim, gente de todos os cantos do país, talvez uma experiência única em todo o mundo”, conclui.

Esta mistura de culturas ter-

“A TRANSFERÊNCIA DA CAPITAL PARA CÁ EXIGIA A ACOMODAÇÃO DE PARLAMENTARES E FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS DE ALTO ESCALÃO, MAS TAMBÉM DE FUNCIONÁRIOS MENOS QUALIFICADOS E CONTÍNUOS. AS QUADRAS 400 E ALGUMAS CASAS DAS 700 FORAM FEITAS PARA ABRIGAR ESTES SERVIDORES”

minou por gerar a formação de vários grupos voltados para a manutenção das tradições e culturas regionais, como a Casa do Ceará, a Casa do Maranhão e o Centro de Tradições Gaúchas (CTG), do qual ele faz parte desde a criação em Brasília.

O aeroviário recorda também de um fato importante da história da cidade, do qual participou como membro do Lions Clube do Brasil: a Campanha de Erradicação de Invasões (CEI), iniciada durante o governo local do conterrâneo Hélio Prates da Silveira, na década de 70. A campanha, que retirou milhares de famílias de uma invasão próxima ao Núcleo Bandeirante, deu origem a Ceilândia, uma das maiores cidades do Distrito Federal.

O Centro Empresarial Varig, que vemos hoje no início da W3 Norte, também tem o dedo de Gedy. A escolha do terreno, em 1971, foi feita por ele numa época em que naquela região ainda não havia nada construído. “Foi o primeiro terreno comprado no Setor Comercial Norte”, revela.

Em 1995, a esposa, Maria Helena, faleceu. Em 1997, o gaúcho casou-se novamente com a professora conterrânea Ivone Martins de Moraes.

Raio X

Nome: Gedy Rodrigues de Moraes
Idade: 74 anos
Origem: São Borja, Rio Grande do Sul
Ano de chegada a Brasília: 1959
Profissão: Aeroviário aposentado
Esposa: Ivone Martins de Moraes
Filhos: Edmea e Beatriz
Netos: Augusto, Gabriel, Helena e Giulia
Títulos

Fundador e sócio atuante do Centro de Tradições Gaúchas de Brasília, diretor do Lions Clube Brasília Três Poderes, **Homenagens**

Amigo da Marinha (1960), Cruz Vermelha Brasileira (1972), Medalha do Pacificador — Min. Exército (1972). Mérito Santos Dumont — Min.

Aeronáutica (1974), Medalha do Mérito Jornalístico (1975), Ordem do Mérito Rio Branco Grau de Oficial (1975), Ordem do Mérito Brasília Grau de Oficial (1975), Ordem Tamandaré — Min. Marinha (1980), Mérito Judiciário do Trabalho, Grau de Oficial (1982), Mérito Alvorada — GDF (1982), Mérito Tiradentes — PM/DF (1987), Ordem do Mérito Congresso Nacional, Grau de Oficial (1988), Ordem do Mérito Judiciário do Trabalho — TST Grau de Comendador (1988), Ordem do Mérito Militar — Min. Exército Grau de Cavaleiro (1988), Ordem do Mérito Forças Armadas — EMFA — Grau de Cavaleiro (1989), Ordem do Mérito Rio Branco, Grau de Comendador (1990), Ordem do Mérito Judiciário Militar — STM